

## SEAN BONNEY

(1969) nasceu em Brighton, cresceu no norte de Inglaterra e viveu durante 17 anos em Londres, matéria de grande parte dos seus textos. Vive agora em Berlim, onde é investigador na Freie Universität Berlin. Para além de panfletos, plaquetes e ensaios, publicou vários livros de poesia, entre os quais *Blade Pitch Control Unit* (Salt, 2005), *Baudelaire in English* (Veer 2008), *Document: poems, diagrams, manifestos* (Barque 2009), *The Commons* (Opened 2011) e *Letters against the Firmament* (Enitharmon Press, 2015). O seu livro mais recente é *Cancer: poems after Katerina Gogou* (A Firm Nigh Holistic Press, 2016). É editor da Yt Communication, com Frances Kruk e publica regularmente no seu blog, [abandonedbuildings.blogspot.com](http://abandonedbuildings.blogspot.com), onde as primeiras versões dos seus poemas e outros textos aparecem frequentemente pela primeira vez.

CAR

CON

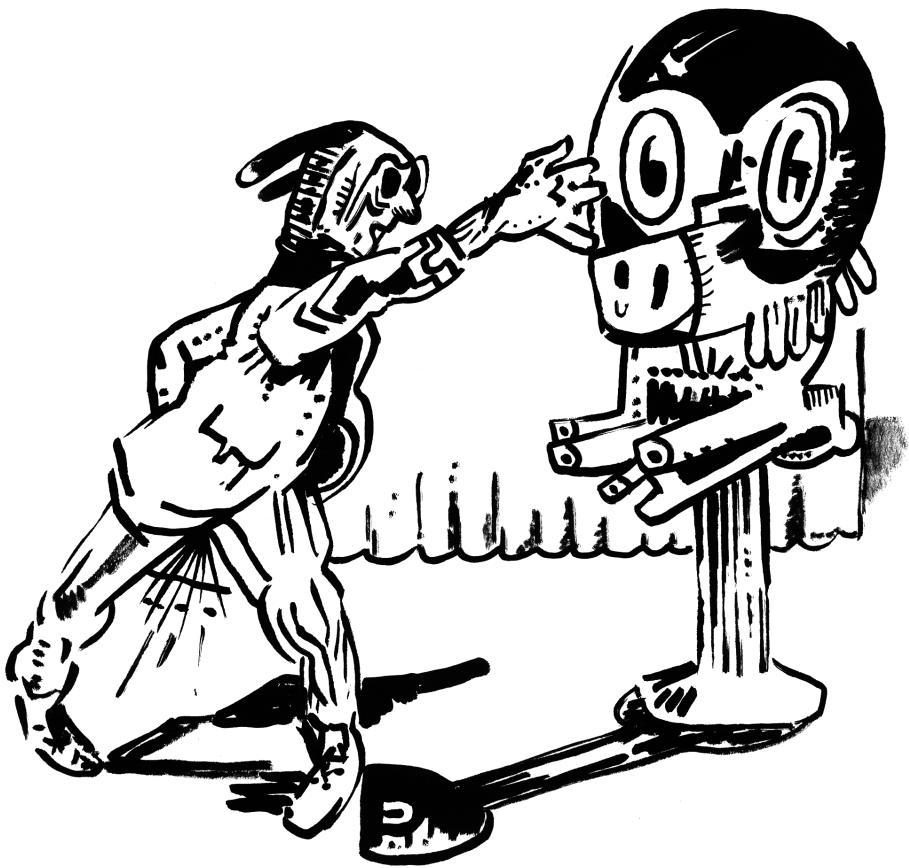
FIRMA

TAS

TRA O

MENTO

CORPUS HERMETICUM:  
DA REVOLUÇÃO DAS  
ESFERAS CELESTES



Blackout informativo etc. Isto aconteceu mesmo.

À quinta-feira, caos nos sistemas meteorológicos.

Querelas científicas imaginárias e acções de greve.

Os cabrões tinham vencido.

Como quem diz, sobreexcitação da Visão, exegese fascista  
de seres humanos

e um subúrbio um pouco menos confortável. Arte e assim.

Ou ciência. Espelhos negros. Sete ponteiros.

Espelhos negros. Sete ponteiros. Prisões.

Estamos a bloquear o coração de Londres. Motim como,

quanto a este passado

dispenso a ferida. Era perder de vez a porra da razão.

Demasiados racistas ainda a respirar

e estranhas convulsões, senti-as eu, e o diabo

em primeiro lugar, repressão e contra-actos, Maldição da

sobreexcitação, tentei mapear greves enquanto Ruído,

continuavam mortas. As suas galáxias, a girar mais depressa.

O mercúrio, imprestável para cunhar moedas.

---

17 de Fevereiro 1600, imolado, 'a sua língua aprisionada  
em razão das suas palavras iníquas'



Batimento Quatro. Dívida é osso. Versões do osso. Versão Um. Uns trocos no bolso. Versão Dois. Fechem os patrões lá do lado de fora. Super-colem-nos. Lá do lado de fora. Versão três. Dívida Um. A nobreza que entrava na cidade vinda de leste passava por um muro apinhado com os torturados, os mortos esfacelados e arfantes. Londres, cidade danada, bela na morna brasa da primavera.

*Não somos subterrâneos somos invisíveis.*

BERNARDINE DOHRN

lembra-te de Theresa May, aquela guilhotina  
Famílias sem trabalho foram dizimadas  
lembra-te de Theresa May a atravessar Londres de carro  
ardente no Alcatrão dos mortais  
a propósito de trâmites legais, rosa-choque e petróleo  
em chamas  
Acordado à noite, em acções de greve  
ou os protestos afinal fizeram o quê quanto à Porra  
do realismo  
aguentaram dentro de todo o ruído o tempo todo,  
dentro do David Willetts e Abiezer Coppe  
limitado pela lei, David Willetts, esfrangalhado  
por galhas e vidro  
Vitória aos parasitas no fundo de desemprego.  
Isto aconteceu mesmo.  
dentro da matéria Normal como átomos e electrões,  
orfandade.

---

Repara na extensão das fileiras policiais. 1829. Robert Peel inventou 1000 bófiás para circundar a cidade como muralha, as entradas como cordões. Isto aconteceu. Estes 1000 bófiás como calendário, o dia de trabalho como pirâmide como navalha a recuperação do sol pela polícia. Escurecera e as barricadas ardião.

Tirésias os pássaros. Tirésias que vê o que só uma criança conseguiria ver, que lá se ergue desengonçado do inferno e o inferno não é subterrâneo. Diz que os motins são uma obra de luto vasto e incompreensível, uma fronteira uma queima tão estranha quanto o medo sentido por Charles e Camilla, essa carcaça imprestável, 2010, cortem as suas cabeças – isto aconteceu mesmo não viemos aqui fazer merda de reivindicação nenhuma e Tirésias invocou vozes dos vastos esquemas mortos de um incompreensível voo de pássaros, somos esses pássaros em todo o lado e não serve de nada e os polícias não fazem ideia.

*Não somos todos brancos não somos todos homens*

- Comunicado da George Jackson Brigade, 1976

Robert Peel ainda espreita lá de cima do muro de Broadgate e é um bloqueio, Newgate incendiado. A polícia carrega esmaga crânios em contra-tempo, um acessório musical silencioso separa um ser humano de um polícia.



É essencial discernir, insistir nessa diferença, esse acessório – localizar com precisão o local onde essa separação primeiro surge no ‘contínuo’ onde toda a matilha de erros, superstições e balas banhadas em sangue atafulham a garganta solar de cada um dos polícias desta cidade com abominável música espírita e é aí mesmo que nós vivemos, organizámos o ruído. As vidas dos polícias não contam.

*Berremos então de angústia*

*Para conhecer a ferida*

*Para compreender a sua natureza e extensão*

Poema anónimo do Weather Underground,  
*circa 1975*

*em vez de 'amo-te' diz que se foda a polícia, em vez de  
'os fogos celestiais' diz que se foda a polícia, não digas  
'contratação' não digas 'trotsky' diz que se foda a polícia  
em vez de 'despertador' diz que se foda a polícia*

*em vez de 'o meu transporte para o trabalho' em vez de  
'sistema eleitoral' em vez de 'vento solar contínuo' diz que se foda a polícia  
não digas 'perdi a noção das minhas visões' não digas  
'essa faculdade humana tão vilipendiada' não digas  
'suicidado da sociedade' diz que se foda a polícia,*

*em vez de 'o movimento  
das esferas celestes' diz que se foda a polícia, em vez de  
'o globo luzente da lua' em vez de 'a Rainha Mab' diz  
que se foda a polícia, não digas 'débito directo' não digas*

*'adere ao partido'  
diz 'o teu sono é proveito para o patrão' e depois diz*

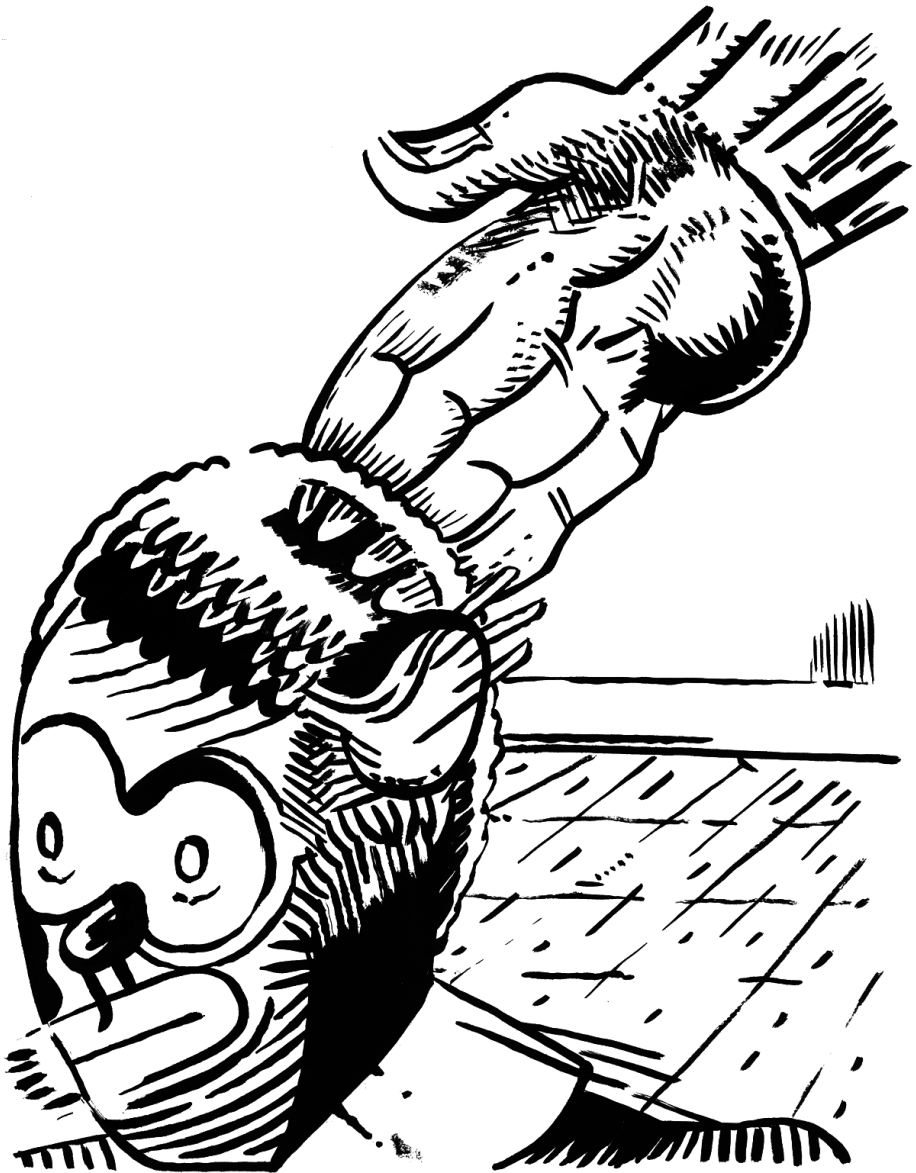
*que se foda a polícia  
não digas 'hora de ponta' diz que se foda a polícia, não digas  
'eis os passos que dei para arranjar emprego' diz que se foda a polícia  
não digas 'um Caffè Latte facheavor' diz que se foda a polícia, em vez  
de 'a força gravitacional da terra' diz que se foda a polícia, em vez de  
'faz o novo' diz que se foda a polícia*

*não digas 'uns trocos'  
diz que se foda a polícia, não digas 'feliz ano novo' diz*

*que se foda a polícia  
diz talvez 'reescrever o calendário' mas depois disso, logo  
depois disso diz que se foda a polícia, em vez de 'pedra filosofal'  
em vez de 'casamento real' em vez de 'o labor da transmutação'  
em vez de 'amor à beleza' diz que se foda a polícia*

*diz sem justiça não haverá paz e depois diz que se foda a polícia*

CARTAS CONTRA  
O FIRMAMENTO



*E porque tais pessoas vivem em circunstâncias violentas, também  
a sua linguagem, quase à semelhança das fúrias, falará por meio  
de uma mais violenta teia de relações.*

HÖLDERLIN

## O SEQUESTRO E ASSASSINATO DE DAVID CAMERON

Um erro terrível, foi o que foi. Ele uivava noite fora, com os olhos injectados de sangue, ridículo: 'A culpa não é minha. Prisão, escravatura, luxo. Pés-de-cabra e magistrados. Metáforas e fábricas.' Não sei bem o que esperava ele de mim: os seus processos mentais eram misteriosos, a sua lógica algo desconcertante, e tudo o que me restava era rir na cara dele. Todas as manhãs eu galgava a janela dali para fora, e vagueava numa paisagem de música geométrica, uma galáxia de estereótipos vagamente corrosivos. Burocratas estatais, prisões militares. Tinha comprimido todos os séculos para melhor ver o interior dos ossos dele, os insípidos indícios culturais que tão estranhamente nos uniam.

Dormir de pouco adiantava. Desligava a luz e a sua voz era tudo o que restava, a ressoar como um espaço sem imagens, como uma cirurgia, uma imensa colecção de horas despedaçadas e surripiadas. Os seus sonhos idiotas atravessavam o meu corpo como lâminas, em ângulos impossíveis, finança e imobiliário esquartejados, negados. Há séculos que caminhávamos lado a lado, a chupar pedras, a sobreviver à conta de gás de caverna, vinho a saber a rolha e diagramas planetários. A minha intenção era fazer um gesto caridoso: arrancar-lhe o coração, atirá-lo aos cães e aos sem-abrigo. As canções celestiais, os segredos da história, o sequestro e assassinato de David Cameron. Podem roubar à vontade.



## CARTA CONTRA A FOME

Hoje em dia passo a maior parte do meu tempo com fome. Fome a sério; cortante, cúpida e infinita. Às vezes tenho de ficar na cama o dia inteiro por causa dela, esta fraqueza desvairante, náusea oca. Aposto que julgas que estou a exagerar. Então vai-te foder. OK, desculpa, fui um bocado bruto. Vou tentar explicar-te o que quero dizer quando digo 'vai-te foder'. A *High Street*. Walthamstow, outro sítio qualquer. Toda a gente de olhos postos nos seus reflexos em todas aquelas montras vazias, estranhos técnicos a levantar o passeio. Não penses que isto é delírio, ou paranóia. Bem, talvez seja. Mas talvez pouco importe. As mudanças perceptuais ligadas à fome como meio de interpretação. A fome como princípio do pensamento. Se tiveres paciência eu explico. Todas aquelas lojas vazias, a terra tomada por mortos-vivos, o calendário absoluto. Comédia. História. Máscaras e chagas de peste. Renúncia em massa, sistemas meteorológicos reaccionários, tudo. Como se o mundo tivesse tido um arrepio espinha abaixo e uma Medusa gigantesca se tivesse então esgueirado em torvelinho por um qualquer buraco de minhoca de ficção científica de pacotilha e se pusesse a abocanhar-nos até à morte. A engolir e a abocanhar. As montras, os reflexos, único abrigo, único ponto de fuga possível. E não julgues que estou a esfregar-te a minha cartilha mitológica nas ventas. Tenta entender essa Medusa simplesmente como a pressão histórica acumulada de pura trampa, ou moléculas e gás

a propagar-se em ondas rádio, e tudo isso junto forma um neoplasma intracraniano sólido, maciço, que, se decodificado, poderá ao menos dar-nos um ideia vaga, o esboço de um verdadeiro mapa daquilo que precisamos de fazer para atingir a próxima etapa – a primeira etapa, dir-se-ia – daquilo que algumas pessoas ainda chamam, de forma algo pitoresca, como ‘a luta’. Já, bem sei, eu sou uma dessas pessoas. Às vezes o meu próprio vocabulário faz-me contorcer de embaraço. Mas se essas montras, esses reflexos, operam como uma válvula de escape ou coisa que o valha, então são também, para simplificar, os pontos visíveis de um mundo invertido atarrachado a este, violento, desassossegado, um sistema orgânico de insecto, dentro do qual cada hora abandonada daquilo a que se costumava chamar ‘tempo de trabalho socialmente necessário’ se solta, e segue a sua própria órbita, como uma espécie de planeta absoluto, mas habitável, da mesma forma que um espaço de escritórios abandonado ou uma casa desocupada é habitável. Vira a cidade do avesso. E assim nós arrendamo-nos a terceiros, não temos remédio. Tornamo-nos fachadas de lojas abandonadas, edifícios devolutos, um paraíso para pirómanos. Arrendamo-nos a uma matilha de inquilinos empresariais, safiras de vidro e sistemas hostis. Starbucks, etc. Isto para bater na tecla mais óbvia. Tesco. Um ninho de ratazanas, ali, dentro de nós, a manjar. A manjar, o tempo todo. Ah, talvez não seja assim tão mau. Talvez possamos dar-lhe uso, a esta fome, este enxame codificado. Para ficarmos com uma



ideia do que significam exactamente os dentes rotativamente mortíferos de uma chave. Para percebermos o que é comer, realmente. Para sabermos o que é morder, e sub-sunção. Para compreendermos os vários adereços de foda secretos e seculares de todo o labirinto social enquanto simples lâmina de vidro torcida e esganada de fome. Um tijolo a atravessar uma janela. Uma mensagem. E tudo isto é, mais coisa menos coisa, o que quero dizer quando uso as palavras 'Vai-te foder'. Mas enfim, não é por isso que te escrevo. Como o fantasma em que me tornei, ando agora à procura de emprego, e tinha esperança que me pudesses escrever uma carta de recomendação. E assim farás, claro, não tenho a menor dúvida.

Vende-se. Tudo o que a administração ditou. Destroços celestiais e a escala ocidental. A vitória dos marinheiros em Kronstadt. A vitória dos mineiros em Orgreave. O odor da santidade. Fábricas ficcionais. Descontos especiais em sequestros de patrões, senhorios de última geração e catadoras de piolhos.

Vende-se. Pessoas de altas esferas, de todo o género e feitio. Piolhos mastigadores, piolhos sugadores, piolhos de aves. A vitória dos amotinados na Poundland. O Ed Miliband a ser fodido por piolhos. A lacuna na lei e o sonho adiado. O Cameron como rouxinol. Vende-se. Embrulhado em arame e esturricado. Vende-se. O evangelho da poupança e da abstinência. A vitória dos Mau Mau no Palácio de St James. Infra-geografia. Micrótomos. Espectros tácticos. Súbita harmonia e suplício. A vitória corrosiva dos desempregados. Um carro-bomba endereçado ao Ministério do Trabalho e Segurança Social.



Cartas contra o Firmamento,  
escrito por Sean Bonney,  
traduzido do Inglês  
("Letters Against the Firmament" - Enitharmon Press, London, 2015)  
por Miguel Cardoso,  
com desenhos de Pedro Pousada  
e composição de Joana Pires  
(joanafigueirapires.com),  
foi impresso na Gráfica 99  
em Junho de 2016  
com o isbn: 978-989-99630-2-3

© dos autores

